

Help Portrait - Ações Locais, a Internet e Uma Resposta Social à Estrutura do Terceiro Setor¹

Keren Franciane MOURA²

Elza Aparecida OLIVEIRA FILHA³

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Propondo-se a estimular a discussão sobre a utilização das mídias sociais em ações sociais locais e mundiais, o presente artigo aborda a construção do termo “terceiro setor” e seus desdobramentos dentro do neoliberalismo. Para tanto, utiliza-se das teorias de Carlos Montañó e Milton Santos como base teórica para a elaboração dessa temática. Para tratar das mídias sociais e as oportunidades geradas por elas dentro desse cenário, será apresentado um estudo de caso dos projetos desenvolvidos por Jeremy Cowart, analisados à luz dos estudos de Clay Shirky. Assim, ao estudar a realidade social e as ações promovidas pela internet, propõe-se uma nova perspectiva de como essas ações podem beneficiar-se desses recursos, apesar das construções culturais e sociais que permeiam o sistema capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: terceiro setor; internet; mídias sociais, Help-Portrait.

INTRODUÇÃO

Os efeitos do sistema capitalista e da globalização são percebidos em vários aspectos e setores da sociedade de forma estável e consolidada, fazendo com que discursos e estruturas sociais já estejam moldadas à luz da sua ideologia. A ideia de um mundo globalizado, que torna o planeta homogêneo, orientado principalmente pelo mercado de consumo, faz com que, apesar da promoção efetiva de padrões universais, ocorra uma intensificação das diferenças sociais locais e mundiais. Por ser estimulada pelo sistema

¹ Trabalho apresentado no DT 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Estudante de Graduação do 5º. Semestre do Curso de Tecnologia em Comunicação Institucional da UTFPR, email: keren@alunos.utfpr.edu.br..

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, professora da Universidade Federal Tecnológica do Paraná (UTFPR).

capitalista, a globalização promoveu/promove a transferência do olhar dos governos das necessidades das populações para as necessidades de mercado, resultando no abandono de deveres sociais essenciais em detrimento de negociações comerciais.

Porém, para Milton Santos (2001), por conta da sociodiversidade promovida pela distribuição e aglomeração dos povos em diferentes lugares do mundo, fomentada pela própria globalização, surge a possibilidade de uma nova maneira de enfrentar essas mazelas do capitalismo por meio da mistura e ação de pessoas e filosofias diferentes. Aliado a isso, o desenvolvimento de novas tecnologias e ferramentas de comunicação que desafiam a mídia tradicional apresentam-se como uma alternativa à imposição midiática e ausência do Estado nas causas sociais.

DESMISTIFICAÇÃO DO TERCEIRO SETOR

Teoricamente, o “terceiro setor” é apresentado como aquele que preenche lacunas deixadas pelo primeiro setor, o Estado, e pelo segundo setor, o mercado. Caracteriza-se, portanto, na ação da sociedade civil em prol dos cidadãos que ficam à margem do sistema capitalista, sendo composto por “sociedade civil sem fins lucrativos, grupo, organização da sociedade civil, organização não-governamental (ONG), setor de caridade, atividade filantrópica, centro, instituto, rede, liga, núcleo, lar, instituição, fraternidade, seara, serviço, casa.” (YAMAGUTI apud QUINTEIRO, 2006, p. 73). Para Eudosia Acuña Quinteiro,

O terceiro setor carrega em seu bojo a unificação de todos os povos e nações pelo avanço da solidariedade sem fronteiras, contrariando as perspectivas de poder absoluto e egoísta que muitos governantes destemperados e completamente distanciados da realidade defendem, ainda em causa própria, distorcendo o teor dos votos que lhes foram legados e que não lhes concedem a menor anuência do social local, e muito menos planetário, para tamanho despautério. (QUINTEIRO, 2006, p.17)

Ou seja, defende-se a ideia de que as ações promovidas no terceiro setor andam na contramão do sistema, visando o bem estar do próximo movido por ações que procuram compensar a falta de responsabilidade do Estado para com o cidadão.

Porém, para Carlos Montaña (2003), essa discussão vai muito além da solidariedade da sociedade em prol dos desfavorecidos. O autor defende que o termo “Terceiro Setor” presta

serviço ao processo de reestruturação do capital, refutando a ideia de que a sociedade civil deve preencher essa lacuna em nome da solidariedade. Sem descartar a importância da mobilização social contra as mazelas do sistema, o autor defende que, ao assumí-lo, a sociedade consente com o afastamento do Estado de seus deveres para com os cidadãos, permitindo que o mesmo desarticule e encubra a realidade da questão social.

Diante desse quadro de enorme complexidade, no entanto, ao invés de evoluirmos para um conceito e uma estratégia no sentido de construir uma rede universal de proteção social que explicita o dever do Estado na garantia de direitos sociais, retrocedemos a uma concepção de que o bem-estar pertence ao âmbito privado, ou seja, as famílias, a comunidade, as instituições religiosas e filantrópicas, devem responsabilizar-se por ele, numa rede de “solidariedade” que possa proteger os mais pobres. A versão mais “sofisticada” dessa concepção é chamado “Terceiro Setor”. (MONTAÑO, 2002, p.12)

Isto é, retirar o Estado de suas responsabilidades sociais promove a percepção de que o povo é responsável pelo próprio povo, e que a solidariedade é o caminho para proteger aqueles que vivem à margem do sistema. Apesar da nobreza do conceito de solidariedade, a desresponsabilização incutida nessa ideologia acaba por esvaziar e remover o direito dos cidadãos à políticas sociais de qualidade, que por dever, deveriam vir do Estado, colocando nas mãos da própria sociedade a responsabilidade de suprir-se com os recursos disponíveis. Ou seja, a solidariedade não garante a eficiência na provisão das demandas sociais, uma vez que essa responsabilidade é atribuída ao Estado justamente por este ser o encarregado capaz de garantir aos cidadãos o que lhes é de direito. A cidadania deixa de ser um direito e passa a ser uma opção voluntária e opcional da sociedade de servir a si mesma.

Esse afastamento e transferência de responsabilidade é arquitetado dentro do neoliberalismo, visando isentar o Estado de seu dever social e liberá-lo para um maior engajamento nas questões comerciais do capital. A construção do termo nesse contexto, segundo Montaña, se dá de maneira errônea, pois volta seu olhar para essa questão de forma superficial e hegemônica, sem considerar a totalidade social.

A perspectiva de análise hegemônica parte de traços superficiais, epidérmicos do fenômeno, os mistificam e o tornam ideológico. A perspectiva hegemônica, em clara inspiração pluralista, estruturalista ou neopositivista, isola os supostos “setores” um dos outros e concentra-se em estudar (de forma desarticulada da totalidade social) o que entende que constituiu o chamado “terceiro setor”: estudam-se as ONGs, as fundações, as associações comunitárias, os movimentos

sociais etc., porém desconsideram-se processos tais como a reestruturação produtiva, a reforma do Estado, enfim, descartam-se as transformações do capital promovidas segundo os postulados neoliberais. (MONTAÑO, 2003, p.51)

Sendo assim, o autor tece sua crítica a essa visão, que segundo ele, opõe-se à realidade histórica como um todo. De seu ponto de vista, a realidade deve desempenhar o papel de interlocução, tendo a teoria como sua reprodução, e não a partir de “construções ideais”. Para ele, a expressão acaba por encobrir o fenômeno real tecido pelo sistema capitalista ideológico. O termo “terceiro setor” tem sua origem nos Estados Unidos, definido pelo filantropo John D. Rockefeller III da seguinte forma:

Nós, americanos, sempre nos orgulhamos da vitalidade de nosso país. No entanto, frequentemente deixamos de reconhecer uma das principais razões da nossa vitalidade: o fato de que desenvolvemos, no decorrer dos mais de dois séculos de nossa existência, um notável sistema de três setores (three sector system). Dois setores são instantaneamente reconhecíveis para todos: o mercado e o governo. Mas o terceiro é tão negligenciado e tão pouco compreendido, que fico tentado a chamá-lo de “setor invisível”. O terceiro setor é o setor privado sem fins lucrativos. Inclui dezenas de milhares de instituições absolutamente indispensáveis à vida da comunidade, através da nação - igreja, hospitais, museus, bibliotecas, universidades e escolas privadas, grupos de teatro, orquestras sinfônicas, e organizações de assistência social de vários tipos. Todas elas dependem, para sua sobrevivência, contribuições voluntárias de tempo e dinheiro por parte dos cidadãos” (apud

Dessa forma, percebe-se que o termo foi cunhado no âmago da ideologia neoliberal, evocando a presença dos cidadãos para preencher uma responsabilidade do Estado. A classificação do “terceiro setor” coloca-o portanto, lado a lado com os outros dois setores, não mais como um dever do Estado, mas definindo-o como um dos três setores, isolado e autônomo. Sendo assim, não é um termo neutro diante da construção ideológica que compõe.

POSSIBILIDADES NA INTERNET

Milton Santos (2001, p.64) aponta que, no contexto de globalização, “a competitividade, o consumo, a confusão dos espíritos constituem baluartes do presente estado das coisas” e acabam por anestesiar e impedir o exercício da cidadania. Ou seja, impedem que as pessoas tenham consciência de si mesmas dentro da sociedade na qual estão inseridas, fazendo com que suas ações sejam inibidas desde a essência, uma vez que a construção do ser como

cidadão não apresenta vantagens para o sistema como um todo em termos de lucratividade. Aliado ao conceito de “terceiro-setor”, o mesmo sistema que transfere o dever do Estado para os cidadãos aliena-os da realidade através do consumismo latente, acentuando as diferenças sociais e o descaso pelos marginalizados.

A mídia tradicional foi uma ferramenta para a construção da ideologia neoliberal, e foi por meio dela que os princípios comerciais foram difundidos mundialmente, fazendo com que a comunicação se tornasse um nicho de mercado rentável para o projeto global. Por seu caráter comercial, o que foi produzido por essas mídias não representa ou indica sua abertura e compromisso em disseminar e fomentar debates que expressem pluralidade capaz de abrir caminhos para a construção da cidadania. Segundo Osvald León, “Em apoio ao dogma neoliberal, o que se veio configurando foi uma indústria da mídia e da cultura extremamente concentrada e regida por princípios exclusivamente comerciais, na qual o que conta são os critérios de retabilidade, acima dos critérios públicos, e o paradigma consumidor(a) por sobre o de cidadão(ã)” (LEÓN, 2003, p.404). Sendo assim, as privatizações dos meios de comunicação tradicionais, incentivadas e respaldadas por esse modelo, garantem a unidade e predominância do discurso ideológico da globalização neoliberal, abafando a mediação social que a comunicação por esses meios poderia impulsionar.

Porém, a tecnologia que impulsiona e sustenta a globalização também apresenta-se como um meio onde as pessoas podem se organizar e discutir posicionamentos, algo que não era possível sem o contexto da aldeia global. Apesar de identificar esse momento como uma “globalização perversa” (SANTOS, 2001, p.24) devido à utilização desse sistema de técnicas para estratégias do mercado global, Milton Santos pontua que essas ferramentas de informação - cibernética, informática e eletrônica - podem se comunicar entre si, permitindo o que o autor chama de “convergência dos momentos, assegurando a simultaneidade das ações e, por conseguinte, acelerando o processo histórico” (SANTOS, 2001, p.25). Isto é, a evolução técnica permite a ação cidadã a despeito da agenda que rege essa “globalização perversa”, uma vez que os novos meios de comunicação possibilitam que o conhecimento global dos acontecimentos seja difundido de maneira instântanea e plural, abrindo um espaço de discussões e ações antes inexistentes na mídia tradicional.

Nesse contexto, a internet assumiu o protagonismo, e tornou-se o espaço no qual ferramentas foram criadas e aprimoradas para a facilitação do acesso à informação, derrubando barreiras antes cruciais, possibilitando um intercâmbio informativo e o surgimento de discussões que levam a população a refletir sobre seu papel social e cultural. Isto é, abre-se um novo espaço para o resgate do sentido de ser cidadão em um mundo globalizado.

Clay Shirky, pesquisador e teórico de mídias sociais, afirma que essas novas ferramentas dão vida a novas formas de ação e produção colaborativa, o que “desafia instituições existentes, erodindo o monopólio institucional da coordenação de grande escala” (SHIRKY, 2012, loc.1836-38). A criação de redes cidadãs é facilitada por esse processo, impulsionando a reunião e o compartilhamento de informações que asseguram o crescimento de ações e manifestações sociais outrora dificultadas por barreiras ideológicas e geográficas. Assim, a comunicação deixa de ser limitada pelas ferramentas para ser acelerada, sustentada e disseminada por elas, maximizando a ação e a cooperação entre os indivíduos.

A onipresença e naturalidade da internet no contexto social é ampliada pelas ferramentas sociais, que surgem como resultado do desejo intrínseco de ação coletiva, apresentando-se não como criadora dessas ações, mas sim, propondo e facilitando a constituição de grupos que visam novos comportamentos e posicionamentos.

A FOTOGRAFIA SOCIAL DE JEREMY COWART

O movimento Help-Portrait é uma iniciativa do fotógrafo de celebridades norte-americano Jeremy Cowart, e consiste em uma ação mundial promovida por fotógrafos, profissionais e amadores, que se mobilizam localmente para fotografar pessoas carentes. Cowart relata no vídeo “*I’m possible*”⁴ que a ideia do projeto surgiu do desejo de utilizar sua habilidade e tempo livre para interferir na realidade social. Para a primeira ação, realizada em 2008, ele reuniu alguns fotógrafos que conhecia e o grupo passou o dia fotografando pessoas marginalizadas. Após a ação, o fotógrafo divulgou o evento através de um vídeo no

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/jeremycowart/?fref=ts>>. Acesso em: 16 abr. 2016

Facebook⁵, que devido à popularidade de Cowart, alcançou e despertou em várias pessoas o desejo de participar da iniciativa. E assim o evento tornou-se oficial, propondo a criação de grupos de fotógrafos replicando ações de solidariedade pelo mundo. Para divulgar o projeto, Cowart lançou a ideia em seu *blog* pessoal e nas mídias sociais, o que gerou um efeito viral.

Essa motivação de Cowart em aliar sua influência e forte presença *online* para chamar à ação esse grupo específico, espalhado pelo mundo, foi viabilizada pela internet e pelas ferramentas disponíveis nela. Shirky (2012) identifica esse fenômeno mediado pelas mídias virtuais como uma mudança na capacidade de formação e ações de grupos, fazendo uma analogia com o conceito literal do termo viral, ou seja, na disseminação de doenças. Na publicidade, o termo é muito utilizado para ações que passam de pessoa para pessoa, atingindo um grande grupo de forma orgânica. Porém, no caso analisado, o autor enxerga a viralização como uma oportunidade promovida pela internet para pessoas que se propõe a ações grupais que visam influenciar o mundo. Ações com esse objetivo são características de um sistema onde o Estado não é efetivo em sua função social, mas, o advento das mídias sociais maximiza, facilita e simplifica a capacidade de coordenar essas ações coletivas.

Com a facilidade na disseminação e compartilhamento de informações, o projeto Help-Portrait teve um crescimento rápido, o que seria inimaginável e limitado sem as ferramentas sociais digitais. Um ano depois da primeira ação, o projeto já contava com 304 fotógrafos e cinco mil voluntários que doaram 41 mil fotografias em 543 localidades distribuídas em 42 países ao redor do mundo. Atualmente, as ações alcançaram cerca de 100 mil voluntários que doaram quase de meio milhão de fotografias em 70 países, além de cobrir todo o território norte-americano. Com relação a fenômenos com este, “O que a tecnologia fez foi alterar a difusão, a força e sobretudo a duração dessa reação, removendo dois antigos obstáculos – o caráter local da informação e as barreiras à reação grupal.” (SHIRKY, 2012, loc.1968-70). Sendo assim, a interatividade fomentada pelas mídias sociais torna esses atores protagonistas da produção de conteúdo, tirando-os do papel passivo que a mídia tradicional lhes impunha. Com a abertura do espaço para discussão e o papel ativo dos indivíduos nesse cenário, de acordo com Shirky, cria-se uma consciência

⁵ Site e serviço de rede social criada pelo norte-americano Mark Zuckerberg, lançado em 2004.

compartilhada que, permite que os grupos tenham ações coletivas que se espalham e fazem com que essas ferramentas sociais assumam um papel de relevância política.

O alcance das ações do Help-Portrait incentivou o desdobramento de projetos realizados por Cowart que promoveram uma demonstração de resposta à mídia tradicional e sua falta de representatividade social. O fotógrafo relata sua indignação ao se deparar com a forma que as mídias televisivas divulgaram o terremoto que atingiu o Haiti, em 2010. A utilização de estatísticas para referir-se às pessoas que vivenciaram esta tragédia fez com que Cowart questionasse as implicações sociais desse formato, o que resultou no projeto “Vozes do Haiti”. A proposta foi utilizar as imagens para dar voz àqueles que estavam sendo mal representados pela mídia tradicional.



Imagem 1 - Registro de um casamento que aconteceu dentre os destroços.

A frase que o casal escolheu para dizer ao mundo por meio do projeto foi "*O amor vence tudo!*"⁶.

Ao concluir o projeto, Cowart optou por dividir as imagens e histórias retratadas em 70 postagens diárias feitas em seu *blog*. A estratégia gerou engajamento e aderência,

⁶ Jeremy Cowart, 2012. Disponível em: <<http://jeremycowart.com/humanitarian/voices-of-haiti-2/>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

desdobrando-se em uma parceria com a Organização das Nações Unidas (ONU) que angariou 10 bilhões de dólares para a reconstrução do país.

Incentivado pela relevância e potencialidade desta iniciativa, Cowart promoveu mais alguns projetos sociais relacionados à fotografia, de maneira a fomentar mais que assistencialismo e representatividade. Dada a abrangência demonstrada, os projetos seguintes tinham seu foco em valores humanos que contrastam com os valores sociais pertinentes ao sistema capitalista, que como colocado por Milton Santos, fomenta a competitividade entre os indivíduos.

“Vozes de Reconciliação”, por exemplo, é um registro fotográfico e conceitual da realidade dos sobreviventes dos genocídios que aconteceram em Ruanda, em 1994. Diferentemente do projeto realizado no Haiti, “Vozes de Reconciliação” retrata as implicações sociais da reconciliação entre vítimas e agressores. Utilizando-se de imagens e frases, a equipe que compôs o projeto buscou afirmar a relevância de disposições sociais influenciadas por valores e princípios de compaixão e solidariedade dentro dessas comunidades. Algumas das histórias contadas foram exibidas no documentário “*As we forgive*”⁷, vencedor do prêmio Student Academy. Além disso, foi veiculado no portal da CNN, fomentando debate mundial sobre o poder do perdão.

⁷ Documentário dirigido e produzido por Laura Waters Hinson, fundadora da *Image Beares Pictures*, de Washington, DC. O documentário relata sobre o movimento de reconciliação em Ruana, e ganhou o prêmio de melhor documentário no *Student Academy Award*, premiação destinada a estudantes universitários nos Estados Unidos da América. Além disso, Hinson é também co-fundadora da iniciativa *As we forgive Rwanda*, que visa promover a restauração emocional das vítimas do genocídio através de documentários. A iniciativa já alcançou cerca de 100,000 ruandenses.



Imagem 2 - Jess Ford, à direita, de braços dados com Inassen, à esquerda, assassino de seu irmão mais velho. A reconciliação dos dois aconteceu depois da participação de um encontro organizado pela iniciativa *As we forgive*. A imagem foi capturada no mesmo local onde o assassinato aconteceu. Em seus braços está escrita a frase: “Amor é a arma que elimina todo o mal”.⁸

Em 2013, Cowart lançou uma campanha *online* para voltar à Uganda e retratar a vida dos “soldados mirins” sequestrados e recrutados por Joseph Kony⁹. O objetivo do projeto foi utilizar a arte como terapia, permitindo que as crianças registrassem suas histórias e seus sonhos futuros. Para tanto, as crianças foram entrevistadas, fotografadas e ensinadas a desenhar utilizando um programa de edição de imagens adaptado. Apesar de os desenhos produzidos por elas retratarem histórias extremamente violentas, manteve-se fidedigno à realidade, e dentro disso, buscou-se encontrar juntamente com as crianças, vislumbres de esperança em meio ao sofrimento pelo qual passaram. O produto final dessa experiência foi

⁸ Jeremy Cowart, 2011. Disponível em: <<http://jeremycowart.com/2011/11/voices-of-reconciliation/>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

⁹ Joseph Kony é o líder do *Lord's Resistance Army* (LRA), grupo de rebeldes responsável pelo conflito armado mais longo da África. Kony já sequestrou mais de 30,000 crianças com o objetivo de fortalecer seu exército de rebeldes, onde meninos tornam-se soldados e meninas tornam-se escravas sexuais. As crianças submetidas ao grupo são manipuladas e ameaçadas sob a premissas dos poderes espirituais atribuídos a Joseph Kony. Muitas dessas crianças são forçadas a assassinar suas próprias famílias para demonstrar sua lealdade a Kony. O projeto *Invisible Children* promove campanhas de alcance global para denunciar os feitos de Joseph Kony ao mundo, com o objetivo de resgatar suas vítimas.

uma arte que unia as fotografias de cada criança, suas histórias e desenhos, resignificando a experiência de cada uma delas. As impressões das imagens foram comercializadas para levantar fundos para a continuidade deste projeto.

As iniciativas de Cowart são permeadas pela utilização das mídias sociais para angariar voluntários e patrocinadores, por meio de publicações em *blogs*, *sites* e mídias sociais, recorrendo à subjetividade de sentimentos e atitudes, tais como perdão e reconciliação, para despertar engajamento. Sendo assim, as ramificações desses projetos assumem caráter coletivo expresso por essas diferentes vertentes, seja pelos voluntários que se envolvem efetivamente nas ações ou por aqueles que contribuem com financiamentos coletivos por meio de ferramentas sociais que convergem em si o despertar desses sentimentos e o meio para fazer algo a respeito, sendo assim uma forma de conscientização e ação. Cada estratégia de publicação e disseminação destas iniciativas foi visando uma maior abrangência e representatividade, que além dos recursos financeiros levantados, também contribui para a construção da cidadania transformando-os em atores dentro de suas realidades.

Apesar do forte apelo à boa vontade das pessoas, nenhum desses projetos ou ações pode desfazer as atrocidades e tragédias vivenciadas por esses indivíduos, porém, permite que essas ações coletivas atraiam o olhar da sociedade de forma crítica, buscando desenvolver a consciência dos limites entre os deveres do Estado e a solidariedade dos cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da construção do termo “terceiro setor” como forma de desvincular o Estado de seus deveres para com os cidadãos revela que, apesar dos esforços, a globalização acabou promovendo a construção de um novo sentido para as ações coletivas. O papel desempenhado pelas ferramentas sociais na internet mostra-se essencial, uma vez que nesse ambiente o indivíduo encontra espaço para articular e utilizar “essas ferramentas para contornar entidades governamentais ou comerciais de modo a enfrentar os problemas diretamente” (SHIRKY, 2012, loc. 4123-25), tornando-o protagonista da realidade social e posicionado-se diante do monopólio midiático que não o representa.

Experiências como as descritas neste artigo revelam que, apesar das imposições negativas da globalização, existem aspectos que contribuem para que a sociedade encontre caminhos que possibilitam a construção de filosofias e ações coletivas que impactam condições políticas e sociais, de forma a possibilitar uma reversão nos padrões e adversidades resultantes do sistema capitalista.

REFERÊNCIAS

COWART. **I'm Possible.** Disponível em: <<https://www.facebook.com/jeremycowart/?fref=ts>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

CHILDREN Invisible. **Kony.** Disponível em: <<http://invisiblechildren.com/conflict/kony/>> Acesso em: 16 abr. 2016.

FORGIVE As we. **Filmakers.** Disponível em: <<http://asweforgivemovie.com/about/filmmakers/>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

LEÓN, Osvaldo. Para uma agenda social em comunicação. In: MORAES, Dênis de. (org.). **Por uma outra Comunicação:** mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2004. p.401-414

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e a questão social:** crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

QUINTEIRO, Eudisia Acuña (org). **Um sensível olhar sobre o terceiro setor.** São Paulo: Summus, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SHIRKY, C. **Lá vem todo mundo:** o poder de organizar sem organizações. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2012.